

Capítulo 5

Em torno da Taberna da Glória

Na Fundação Casa de Rui Barbosa, entre os documentos relativos ao acervo de Pedro Nava, há um artigo aparentemente inédito e pouco comentado que chama a atenção pelo que revela da profunda admiração que o autor de *Beira-Mar* nutria por Mário de Andrade. O texto pequeno, datilografado em espaço dois em uma lauda e meia, está catalogado com o código PN PI 009 e tem o título simples de: *Mário*. Por um equívoco, o autor datilografou em caixa alta não só a primeira letra do título - “M” – como também a segunda – “A”. Portanto, ao invés de “Mário”, lê-se “MÁRIO”. Seria exagero lembrar que MA são exatamente as iniciais de Mário de Andrade e que, portanto, inconscientemente, Pedro Nava, já no título, estaria indicando o Mário sobre o qual iria falar? Ou, quem sabe, seria ainda possível admitir a hipótese de não se tratar de mero equívoco mas de uma “brincadeira-homenagem” em torno do nome do amigo?

Em seguida à pergunta com que abre o artigo, “Por que Mário de Andrade agora?”, imediatamente o autor responde a si mesmo (ou ao leitor?): “Para mim foi, é, será o Mário de Andrade permanente...”

Na verdade, Nava exprime em poucas linhas o sentimento de muitas gerações de literatos que, entre as décadas de 1920 e 1940, conviveram e, principalmente, se corresponderam com o autor de *MACUNAÍMA*. De Manuel Bandeira a Fernando Sabino foram dezenas de poetas, romancistas, contistas, artistas plásticos, músicos, folcloristas e outros mais. Mesmo Manuel Bandeira, visto por muitos como um dos amigos mais íntimos de Mário de Andrade e o que menos teria as características de um discípulo, afirma em seu *Itinerário de Pasárgada*:

“... e em muita coisa que escrevi depois reconhecia a marca deixada por ele no meu modo de sentir e exprimir a poesia. Foi, me parece, a última grande influência que recebi: o que vi e li depois disso já me encontrou calcificado em minha maneira definitiva. Grande influência, repito, e de que eu tinha então clara consciência...”¹

¹ Bandeira, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Manuel Bandeira Poesia Completa & Prosa. 3ª reimpressão da 4ª edição. Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1985. P. 62.

Pedro Nava, no artigo ora citado, não deixa dúvidas quanto a uma influência semelhante à mencionada por Bandeira:

“... a influência de Mário de Andrade foi decisiva, definitiva, permanente e eu a sinto hoje como a senti depois do contato que tivemos em Belo Horizonte, no Rio”.

É de maneira aproximada que essa influência exercida por Mário de Andrade ficou na memória de muitos de seus contemporâneos. Vinícius de Moraes, que também faria um poema em homenagem a Pedro Nava (*Balada de Pedro Nava*), refere-se à dor da perda do amigo morto de enfarte, em fevereiro de 1945, no poema *A Manhã do Morto*:

“Escovo os dentes na saudade
Do amigo que se perdeu
Olho no espelho: não sou eu
É o morto Mário de Andrade
Me olhando daquele espelho
Tomo o café da manhã:
Café, de Mário de Andrade.”²

Carlos Drummond de Andrade, que dedicara a Mário de Andrade seu primeiro livro, *Alguma poesia*, lançado em 1930, recordou a importância da correspondência que manteve com ele a partir de 1924:

“... e, sob envelopes, continuamos a alimentar uma perfeita amizade, que afinal, só a mim aproveitou, em indicações, ponderações, advertências, conselhos, críticas e lições de arte e postura diante do mundo exterior. Compreende-se, pois, o que tais papéis representam para mim: são parte integrante e vibrante da minha vida.”³

Moacir Werneck de Castro, ao publicar as cartas recebidas de Mário, no livro em que procura traçar uma idéia biográfica do período em que esse viveu no Rio de Janeiro, entre 1938 e 1941, revela que revisitá-lo trouxe-lhe grandes emoções, um mergulho de volta aos anos de juventude que suscitava um estado de espírito capaz de levar tanto ao saudosismo como à melancolia, ou à pieguice. E se pergunta:

² Moraes, Vinícius de. *Poesia completa e prosa*. 3ª edição. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1998. P. 347.

³ Andrade, Carlos Drummond de. *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1982. P. 8-9.

“Em que medida o afeto e a admiração pelo amigo poderiam conduzir à quebra do compromisso de ser rigorosamente fiel à verdade?”⁴

É também em busca dessa “verdade” que Pedro Nava se lança para reunir um painel da memória brasileira através de seus livros, desde *O Baú de Ossos*, lançado em 1968. Conta casos vivenciados por ele, histórias transmitidas por familiares, amigos, colegas de trabalho, pessoas conhecidas, mas coleta vastíssimo material de informação sobre cada período a que diz respeito a obra que tem em preparação. Com relação ao livro *Beira-Mar*, o quarto volume de suas memórias, publicado em 1978, seleciona não só impressões suas sobre Mário de Andrade, como também arquiva documentos e jornais que se referem ao amigo focado em algumas páginas nas quais o memorialista narra sua participação no Modernismo na Belo Horizonte da década de 1920, período em que inicia sua correspondência com Mário de Andrade, de quem publica as cartas, reunidas por Fernando da Rocha Peres, em 1982. Nava participaria de um dos principais veículos do Modernismo em Minas Gerais, o periódico *A Revista*, dirigida por Carlos Drummond de Andrade e que como a publicação modernista carioca *Estética*, no mesmo período (1924/1925), não passou do terceiro número.

No material para a preparação de *Beira-Mar* estão recortes de reportagens sobre o fechamento da Taberna da Glória (depois reaberta) por ocasião das obras do metrô em meados da década de 1970. Ali, antigo reduto de boêmios, Mário de Andrade costumava encontrar seus amigos do Rio (Moacir Werneck de Castro, Lúcio Rangel, Murilo Miranda, etc.) para beber e trocar idéias. Mas uma página do Caderno B, do Jornal do Brasil, datada de 3 de junho de 1970, uma quarta-feira, destaca-se entre os recortes reunidos por Pedro Nava. A matéria tem por título: *Presença de Mário de Andrade* e refere-se a uma exposição na Biblioteca Nacional, que procurava, didaticamente, apresentar os aspectos mais relevantes da importância de Mário de Andrade para as letras brasileiras. E entre as declarações de intelectuais e escritores sobre o papel desempenhado por Mário de Andrade na cultura brasileira, há um depoimento de Jorge Amado, que, embora sendo autor pouco relacionado às influências marioandradianas, afirma:

⁴ Castro, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989. P. 10.

“Não criou apenas a sua obra (obra sem dúvida monumental) mas possibilitou, influenciou, animou artistas e escritores, em torno de sua inteligência tão fecunda desenvolveu-se sempre a criação literária e artística. Abriu caminho, pioneiro de realizações, técnicas e estudos, interessado por tudo quanto dissesse ou tivesse a ver com a cultura e com o Brasil. Hoje podemos constatar quanta coisa nasceu desse contínuo interesse de seu impulso”.

A matéria faz também menção ao filme *Macunaíma*, inspirado no livro homônimo de Mário de Andrade e dirigido por Joaquim Pedro de Andrade.

Pois a esses recortes de periódicos, Pedro Nava ia juntando pequenos pedaços de papel onde anotava idéias que lhe poderiam depois servir para o desenvolvimento de algum capítulo das suas memórias. Anotações como esta sobre Mário de Andrade:

“Homem difícil de compreender na sua diversidade pessoal e literária (300, 350) – às vezes seco, às vezes mole, forte, fraco. Era recebê-lo sem decifrar como faziam todos seus amigos”.⁵

Ou ainda:

“1938 – O Estado Novo tira Fábio Prado da Prefeitura de São Paulo e Mário sofre o golpe de ser apeado da Direção do Departamento de Cultura”.⁶

Todo o drama vivido por Mário de Andrade a partir de seu afastamento do Departamento de Cultura de São Paulo e que resultou no que Moacir Werneck chamaria de “exílio no Rio” é notado por Pedro Nava sob o impacto da leitura da correspondência de Mário de Andrade e Paulo Duarte, amigo que o convencera a aceitar o cargo oferecido pelo então prefeito Fábio Prado, deposto meses depois da instauração do Estado Novo pelo Governo Vargas. Nava, íntimo que era da medicina e das possíveis causas de depressão e melancolia em doenças, escreve então:

⁵ Anotação feita pela Prof. Marília Rothier Cardoso em pesquisa realizada no acervo de Pedro Nava na Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁶ Idem

“Foi assassinado pelos que cortaram sua obra no Departamento Municipal de Cultura de São Paulo. Todos que tomaram parte nisto saibam disto e para sempre sejam malditos”.⁷

E, em outro papel, observa:

“Infelicidade no Rio – o Bar Taberna da Glória”.

Essa depressão, essa melancolia pode ser reconhecida na definição de Julia Kristeva:

“O golpe que acabo de sofrer, essa derrota sentimental ou profissional, essa dificuldade ou esse luto que afetam minhas relações com meus próximos são em geral o gatilho, facilmente localizável, do meu desespero. Uma traição, uma doença fatal, um acidente ou uma desvantagem que, de forma brusca, me arrancam dessa categoria que me parecia normal, das pessoas normais, ou que se abatem com o mesmo efeito radical sobre um ser querido, ou ainda... quem sabe? A lista das desgraças que nos oprimem todos os dias é infinita... Tudo isto, bruscamente, me dá outra vida. Uma vida impossível de ser vivida, carregada de aflições cotidianas, de lágrimas contidas ou derramadas, de desespero sem partilha, às vezes abrasador, às vezes incolor e vazio. Em suma, uma existência desvitalizada que, embora às vezes exaltada pelo esforço que faço para continuá-la, a cada instante está prestes a oscilar para a morte. Morte vingança ou morte liberação, doravante ela é o limite interno do meu abatimento, o sentido impossível dessa vida, cujo fardo, a cada instante, me parece insustentável, salvo nos momentos em que me mobilizo para enfrentar o desastre”.⁸

Pedro Nava, em *Beira-Mar*, admite que se convence de toda a depressão em que Mário de Andrade se encontrava no período em que decide morar no Rio, entre 1938 e 1941, a partir da leitura que faz de *Mário de Andrade por ele mesmo*, edição preparada por Paulo Duarte das cartas que recebeu do modernista paulista entre 1932

⁷ Ibidem

⁸ Kristeva, Julia. *Sol Negro: depressão e melancolia*. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. Pág. 89.

e 1945, uma publicação da Hucitec em 1976. Na verdade, a última carta escrita por Mário de Andrade a Paulo Duarte, em 15 de fevereiro de 1945, só seria recebida pelo destinatário, em Nova Iorque, cinco dias após a morte do amigo, em 25 de fevereiro daquele ano. Na segunda edição do livro, corrigida e aumentada, em 1985, Paulo Duarte escreve:

“A sua biografia psicológica e intelectual pertence aos homens e aos grupos humanos de pensamento e precisa ser conhecida com todas as grandezas que possuía e até as fraquezas de que era dono, as quais, como se vê de tantas cartas-confissão, até essas fraquezas aumentam aquela grandeza espiritual. Porque no conjunto é que se retrata o homem de pensamento e de conteúdo humano integral. Nessa documentação profunda demonstra-se que a sua expulsão do Departamento de Cultura foi uma sentença de morte. Mário suicidou aos poucos, matou-se de dor, revolta e angústia. E esse suicídio, consciente ou inconsciente, apressou-se no Rio, num ambiente de abandono...”⁹

Paulo Duarte acredita que esse ambiente de abandono a que se refere está evidenciado na carta que recebe de Mário de Andrade, datada de 17 de dezembro de 1939:

“(...) Estou literalmente desesperado, não agüento mais esta vida do Rio, e ou acabo comigo ou não sei. Prá disfarçar as mágoas, vivo bêbado. Tomo porres colossais, dois três por semana. Os outros dias me trato. O último médico que me examinou, poucos dias faz, me garantiu que tenho todas as vísceras esculhambadas pelo álcool e estou condenado à morte (...)”¹⁰

Amigos desde meados da década de 1920, tendo participado juntos da Revolução Paulista, em 1932, Paulo Duarte e Mário de Andrade mantinham o sonho de concretizar projetos culturais, o que se mostrou possível a partir do momento em que Paulo Duarte aceitou o convite do então recém-nomeado prefeito de São Paulo, Fábio Prado, para ser seu assessor, em setembro de 1934. Nasceu, então, a idéia da criação do Departamento de Cultura, para o qual Mário de Andrade, por indicação de Paulo Duarte, foi nomeado diretor. Afastado do cargo pelo Estado Novo, Mário de Andrade iria tentar a vida no Rio de Janeiro, morando primeiro num apartamento na

⁹ Duarte, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1985. P. 8.

¹⁰ Duarte, Paulo. Op. Cit. P. 114.

Glória, à rua Santo Amaro nº 5 e depois numa casa em Santa Teresa, na Ladeira de Santa Teresa nº 106.

Em 1970, Paulo Duarte, saudoso do amigo, iria escrever uma carta em sua memória, publicada no livro por ele organizado, e na qual conta a Mário de Andrade um pouco das transformações ocorridas na cidade de São Paulo e na cultura brasileira desde a morte do escritor. Fato semelhante levou a pintora Anita Malfatti a escrever uma carta-póstuma a Mário de Andrade, dez anos depois de sua morte, e que foi publicada no livro que reúne as cartas de Mário à artista plástica cuja exposição, em 1917, motivou uma severa crítica de Monteiro Lobato e despertou o interesse do poeta quase parnasiano Mário Sobral, pseudônimo de Mário na época, e com o qual chegou a assinar no livro de visitantes da referida exposição.

Outros escritores chegariam a escrever cartas-póstumas ao autor de *Macunaíma*, mesmo não tendo mantido com ele correspondência durante a sua vida. Assim chegaram a fazer Silviano Santiago, Affonso Romano de Sant'Anna e Hermínio Bello de Carvalho, entre outros.

Curiosamente, o edifício na rua Santo Amaro nº 5, que ainda se encontra lá e hoje exhibe na parede ao lado do portão de entrada uma placa em homenagem ao morador Mário de Andrade, tem o nome de *Edifício Minas Gerais*. Desde 1924, é notória a ligação de Mário de Andrade com os mineiros, a partir da viagem realizada pelos modernistas paulistas às cidades históricas, na companhia do poeta Blaise Cendrars. No Grande Hotel, em Belo Horizonte, Mário de Andrade iniciou sua amizade com Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, dois mineiros que, anos depois, estariam morando no Rio de Janeiro. A viagem a Minas, em 1924, carregou toda a mística de ser um marco da “descoberta do Brasil” pelos modernistas e a partir de então começam as grandes discussões sobre o Modernismo e a nacionalidade. Parece-nos interessante o fato do modernista paulista Mário de Andrade morar no Rio de Janeiro num edifício que se chama Minas Gerais. Durante esse período, convive com Murilo Miranda, Carlos Lacerda, Moacir Werneck de Castro, Lúcio Rangel, Dante Viggiani, Guilherme Figueiredo e Otávio Dias Leite, entre muitos outros. Yedda Braga Miranda, viúva de Murilo Miranda, fundador da Revista Acadêmica juntamente com Lúcio Rangel, lembrou, em 1981, como era o apartamento da rua Santo Amaro, na apresentação do livro que reúne as cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda: “(...) vivia num pequeno apartamento cheio de livros e quadros na rua Santo Amaro, esquina de Catete. Ali, após seis meses de casados, devido a certas

dificuldades, moramos algum tempo, enquanto Mario estava de férias em São Paulo. Foi onde, pela primeira vez, vi quadros de Segall, Portinari, Tarsila e Guinard. A passagem de Mário pelo Rio marcou para sempre a vida de muita gente, principalmente da deslumbrada mocinha que acabava de se juntar ao grupo que se reunia quase todas as noites na Taberna da Glória, na Brahma e em alguns bares da Lapa em veementes discussões que esgotavam os mais variados assuntos...”¹¹

O período no Rio de Janeiro irá permitir a Mário de Andrade a realização de um de seus mais belos poemas, escrito em 22 de dezembro de 1940, a que dá o título de *Canção* e foi incluído em *A Costela do Grã Cão*, livro dedicado a Murilo Miranda. No poema, há a estrofe famosa:

“Na solidão solitude,
Na solidão entrei,
Na solidão perdi-me,
Nunca me alegrarei.”¹²

No entanto, o próprio Mário de Andrade iria observar:

“(...) esta *Canção* nunca me deu a sensação de coisa acabada, qualquer coisa sempre me deixava em estado de insatisfação. Hoje estou convencido que a intercalação do refrão não foi justa, não foi íntegra, não foi um estado de poesia legítimo, mas um engano derivado do desejo que eu tinha de aproveitar esse refrão, que me parece encantador. Foi esse desejo que provocou a associação de idéias, aliás com ausência de carinho = solidão = na solidão solitude...”¹³

A todas as observações de Pedro Nava sobre Mário de Andrade reunidas no acervo do memorialista na Casa de Rui Barbosa soma-se o artigo já citado e que não foi datado pelo autor. Mas é bastante provável que tenha sido escrito na década de 1970, exatamente para auxiliar o memorialista na composição do perfil de seu amigo e “mestre”. São detalhes a que o memorialista se mostra atento e que serão

¹¹ Miranda, Yedda Braga. Lembranças. Andrade, Mario. *Cartas a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981. P. 6.

¹² Andrade, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte, Villa Rica, 1993. P. 458.

¹³ Idem

aproveitados no capítulo *Rua da Bahia*, do livro *Beira-Mar*. Depois de recordar que, entre os modernistas paulistas chegados a Belo Horizonte, em 1924, encontrava-se um rapaz gargalhante e volumoso, que parecia estar em toda parte, Pedro Nava detém-se em descrever assim o amigo de quem receberia a primeira carta em março de 1925:

“Há trinta e dois anos está morto Mário de Andrade. Vão rareando as fileiras dos que o conheceram em vida e viram como ele era. Assim, uma revisão da sua melhor iconografia e a seleção dentro dela, do mais fiel, não deixa de ser trabalho útil para quem, no futuro, queira ter de sua figura uma idéia mais próxima...”¹⁴

E a partir daí Pedro Nava enumera os retratos a óleo de Mário de Andrade feitos por pintores como Portinari e Segall até fotografias do escritor em sua casa. Procura, então, mesclar todas essas referências para oferecer ao leitor aquele que lhe parecia o retrato mais fiel da personalidade do autor de *Macunaíma*.

Todo o perfil de Mário de Andrade descrito por Pedro Nava em *Beira-Mar* está reproduzido nas páginas iniciais da edição de *Correspondente Contumaz*,¹⁵ o livro que reúne as doze cartas enviadas por Mário a Nava entre 1925 e 1944. Como em toda correspondência de Mário de Andrade mantida com muitos dos principais artistas e intelectuais brasileiros do século XX, as cartas enviadas a Pedro Nava tratam de idéias acerca da necessidade de uma literatura brasileira desprendida de modismos e estrangeirismos. É ainda um primeiro lado da correspondência, já que as cartas de Nava recebidas por Mário de Andrade estão ainda guardadas no acervo do escritor paulista mantido pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na USP. Mário de Andrade determinou que as cartas recebidas por ele só fossem divulgadas cinquenta anos após sua morte. Deveriam, portanto, começar a aparecer em 1995. O IEB/USP atualmente prepara uma cuidadosa edição da vasta correspondência de Mário de Andrade, incluindo as cartas recebidas por ele. O primeiro volume dessa iniciativa, coordenada pela Prof. Telê Porto Ancona Lopes, autora de *Mário de Andrade: ramais e caminho*, traz a correspondência completa entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira organizada por Marcos Antônio de Moraes e foi lançado no final de 2000. O segundo volume, com as cartas trocadas entre Mário de Andrade e a pintora Tarsila do

¹⁴ Nava, Pedro. *Beira-Mar: memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. P. 190.

¹⁵ Andrade, Mario de. *Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Amaral, organizadas por Aracy Amaral, chegou às livrarias no início de 2002. A coleção deverá incluir a correspondência completa entre Mário de Andrade e Sergio Milliet, Henriqueta Lisboa, Anita Malfatti, Prudente de Moraes, neto, e muitos mais. A correspondência entre Mário de Andrade e Ribeiro Couto, companheiro de Manuel Bandeira na Rua do Curvelo, em Santa Teresa, está a cargo da escritora e pesquisadora Elvia Bezerra, autora de *A Trinca do Curvelo*, editado pela Topbooks em 1995. As doze cartas enviadas por Mário de Andrade a Pedro Nava terão, por fim, suas respostas à disposição dos leitores, em volume preparado pelo mesmo Fernando da Rocha Peres responsável pela edição de *Correspondente contumaz*. Em 1982, o organizador já afirmava:

“... à medida que eu lia a correspondência a mim entregue fui (re)descobririndo que a vida e a obra de um escritor, mesmo contemporâneo, podem ser (re)conhecidas e (re)vistas através (e por dentro) das suas cartas aos amigos e confidentes. E não fiquei somente na lição das cartas a Pedro Nava, em número de doze, mas tive que saltar, e assaltar, para a leitura da correspondência de Mário de Andrade até agora publicada.”¹⁶

Apesar do número das cartas em foco ser pequeno, vale salientar a variedade de temas e de nomes importantes da literatura e da cultura nacionais e internacionais que delas saltam. Citações que vão de Dante Alighieri a Olavo Bilac e Manuel Bandeira, na poesia, passando por Beethoven, Chopin e Ravel, na música, Rodin, na escultura, sem deixar de mencionar os temas mais afeitos ao modernismo e publicações como Klaxon e Terra Roxa e Outras Terras.

Mário de Andrade começa por comentar poemas de Nava que considerava bons. Em determinado momento, na carta datada de 9 de março de 1925, adverte:

“Muito cuidado, Nava, em não confundir poética com poesia. Francisca Júlia se confinou geralmente na poética: bela *artificie*. Bilac também no Tarde e como se amaneirara demais, além de *artificie*, mau *artificie*. Gonçalves Dias se confinou geralmente na poesia: belo *artista* (...) No fundo a poesia

¹⁶ Peres, Fernando da Rocha. “Correspondente Contumaz”. Andrade, Mário de. *Correspondente Contumaz: cartas a Pedro Nava*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. P. 11.

continua a ser tradicional, seguindo a linha comprida que do homem da caverna vem até nós. Os progressos da experiência só nos permitiram reagir contra o mau caminho do parnasianismo e do simbolismo que desvirtuaram a poesia um tomando o lirismo como um meio, outro camuflando-o em enigmas mais ou menos bonitos...”¹⁷

Mário termina a carta assinando M e explica: “(isto significa: Mario. Mario pros amigos é Mario de Andrade”. A observação nos faz lembrar do título do artigo de Pedro Nava. Mário só poderia ser Mário de Andrade.

Estão nessas cartas ensinamentos semelhantes aos que, na mesma época, serão também dirigidos a Carlos Drummond de Andrade frisando que o futuro grande poeta brasileiro deveria ver que o escritor francês Anatole France, que exercera certa influência sobre autores que participariam do Modernismo em Minas, “é uma decadência, é o fim duma civilização que morreu por lei fatal e histórica. Não podia ir mais pra diante. Tem tudo que é decadência nele. Perfeição formal. Pessimismo diletante. Bondade fingida porque é desprezo, desdém ou indiferença. Dúvida passiva, porque não é aquela dúvida que engendra curiosidade e a pesquisa, mas a que pergunta: será? Irônica e cruza os braços...”.

Contudo, Anatole France será um dos autores constantemente citado por Pedro Nava em suas memórias e de quem irá aproveitar frases para epígrafes de seus livros, como em *Baú de Ossos*.

Em 14 de agosto de 1928, Mário de Andrade envia a Pedro Nava um exemplar da primeira edição de *Macunaíma* com a seguinte dedicatória: “A/ Pedro Nava/ Pouco trabalhador,/ pouco trabalhador/ o Mário de Andrade”. No ano seguinte, como resposta à provocação do amigo, Nava irá fazer oito desenhos para a ilustração de *Macunaíma*. Esses trabalhos só chegarão aos leitores em 1978, na edição crítica da rapsódia sobre o herói sem nenhum caráter preparada por Telê Porto Ancona Lopes e lançada pela Livros Técnicos e Científicos, em co-edição com a Secretaria da Cultura de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

Sobre o Nava desenhista, Mário de Andrade escreve em carta de 1927:

¹⁷ Andrade Mário de. *Correspondente contumaz: cartas de Mário de Andrade a Pedro Nava*. Organização de Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982 P. 40..

“Mas Pedro Nava, os desenhos que você me mandou e agora o mulato são simplesmente delícias, Pedro Nava! Você carece de ter paciência consigo mesmo e continuar sempre...”¹⁸

O Pedro Nava desenhista já aparecera em *Estética*, em 1925, em ilustração sem assinatura para um anúncio.

Mário de Andrade, através de suas cartas, ia assim abrindo caminhos a uma literatura que se queria firmar como brasileira e moderna, como atesta a carta a Pedro Nava, de 21 de julho de 1925:

“...não estamos fazendo uma fotografia do falar oral e sim uma organização literária (em todas as línguas sempre teve um falar oral diferenciado da linguagem erudita) baseada apenas num falar comum que inconscientemente condiciona a língua às precisões de raça clima época etc.”¹⁹

Seriam observações que para sempre marcariam o poeta bissexto de *O Defunto* e que viria a se firmar na literatura brasileira como um de nossos maiores memorialistas até o suicídio, em 1984, fato que levou a diversas especulações sobre os possíveis motivos de um ato tão grave já aos oitenta e um anos. Monique Le Moing procurou em parte essa explicação ao escrever a biografia de Pedro Nava intitulada *A Solidão Povoada*, lançada pela Nova Fronteira em 1996. Segundo a biógrafa, os seis volumes publicados de suas memórias deixam transparecer uma solidão incessante desde a infância. Teria, portanto, ele próprio experimentado uma “solidão/solitude” que o aproximava ainda mais de Mário de Andrade?

As afinidades entre os dois terão sido muitas, como revelam algumas das cartas, embora tenha prevalecido uma relação entre mestre e discípulo da qual Pedro Nava jamais se desligaria. É o que se comprova no trecho final do artigo *Mário*:

“... Minha tolerância, meu não moralismo, minha libertação, minha liberdade nasceram dele e de seu filho *Macunaíma*. E se eu fiz alguma coisa pregando e escrevendo, essa alguma coisa nasceu da fecundação da sua prosa, da sua poesia, da lição de sua conversa e de seus mandos e desmandos”.

¹⁸ Andrade, Mário de. *Correspondente contumaz*. P. 79.

¹⁹ Idem

Outro escritor mineiro que declararia abertamente a influência recebida de Mário de Andrade seria Fernando Sabino. Durante os três últimos anos de vida do modernista, eles se corresponderam e Sabino publicou a novela *A Marca*, em 1944, ouvindo, ou melhor, lendo os conselhos do amigo, cuja memória seria evocada em seu mais famoso livro, o romance *O Encontro Marcado*, de 1956.